

*A escrita de si e do outro:*  
**Uma biografia de Alexander Lenard (1951 – 1972).**

Keuly Dariana Badel<sup>1</sup>

**RESUMO**

Propomos neste trabalho problematizar as formas de apropriação discursiva sobre vida de Alexander Lenard em diferentes contextos, buscando a construção e desconstrução de unidades biográficas. O grande desafio deste trabalho foi construir uma biografia que fugisse do linear, e contemplasse a complexidade do indivíduo. Um trabalho que falasse sobre as várias dimensões da vida desse sujeito e de suas percepções. Para tanto, optamos pela análise de várias fontes históricas, tais como os livros de Lenard, autobiografias, jornais, processos judiciais, fotografias, desenhos, pinturas, cartões postais, entre outros. Um dos caminhos que utilizamos foi o da análise do discurso, a partir da qual observamos que Lenard não só constrói uma região, mas também demarcou a diferença existente entre ele e o lugar que ele observava. Alexander Lenard nasceu na Hungria, em 09 de março de 1910. Teve que se mudar, ainda criança, para a Áustria, como fugitivo da Primeira Guerra Mundial e, quando esta terminou deslocou-se para Klosterneuburg. Nos anos que separaram a Primeira da Segunda Guerra Mundial, Lenard estudou medicina e viajou pela Europa conhecendo países e línguas. Com o início da Segunda Guerra Mundial, mudou-se para Roma, aonde realizou estudos sobre a medicina no mundo antigo. O medo das ameaças de explosões nucleares fez Lenard vir para o Brasil através da Organização de Refugiados. Ele comprou um terreno no município de Dona Emma (SC), aonde faleceu no dia 13 de abril de 1972, vítima de infarto. Deixou mais de 16 obras escritas nos idiomas: húngaro, alemão, inglês e latim. Parte de sua obra foi utilizada para compor este trabalho, em especial, o livro *Die kuh auf dem bast* (A Vaca no Pasto) no qual ele faz uma narrativa autobiográfica, mas que também o torna produtor de identidades e significados sobre a região. Procuramos mostrar a multiplicidade de Lenard, sua capacidade de construção de distintas narrativas de si, para si e para os outros, e a impossibilidade de esgotá-las. Ele é o escritor, o cientista, o médico, o poeta, o desenhista, e porque não, o cozinheiro. Um homem que encontrou sua paz em algum recanto do lugarejo de Dona Emma, encontrando também, sua capacidade de se (re) inventar e de se (re) significar.

**Palavras-chave:** Alexander Lenard. (Auto) Biografia. Escrita de si.

## **1 INTRODUÇÃO**

Realizado com base na vida e obra de Alexander Lenard (1910-1972), este trabalho apresenta a construção do conceito de região, com a demarcação de seus territórios e, a atribuição a estes, de um significado cultural tramado através dos

---

<sup>1</sup> Graduada em História na Universidade Regional de Blumenau – FURB.

símbolos e das formas de linguagem. A obra de Lenard é compreendida como produtora de uma demarcação territorial, criando estereótipos, e lhes atribuindo identidade e diferença porque, ao inventar a região ele inventa a si mesmo, constituindo uma narrativa autobiográfica. A proposta, portanto, é uma visita à vida de Lenard analisando as relações que ele estabeleceu em Dona Emma (SC)<sup>2</sup>, bem como sua produção artística, reconhecendo esta como um gesto eminentemente político.

Alexander Lenard nasceu na Hungria, em 09 de março de 1910; e morreu em Dona Emma, no dia 13 de abril de 1972. Foi médico, filósofo, poeta, desenhista, romancista, conhecedor de mais de doze línguas, e estudioso da obra de Johann Sebastian Bach. Teve que se mudar, ainda criança, para a Áustria, como fugitivo da Primeira Guerra Mundial e, quando esta terminou deslocou-se para *Klosterneuburg*. Durante este período estudou medicina e viajou pela Europa conhecendo países e línguas. Porém, com o início da Segunda Guerra Mundial, Lenard foi para Roma, aonde se trancou dentro de bibliotecas, realizando estudos sobre a medicina no mundo antigo, tornando-se um historiador da medicina.

O medo de uma possível Terceira Guerra Mundial, e as ameaças de explosões nucleares, fez Lenard vir para o Brasil através da Organização de Refugiados. Com o dinheiro que conseguiu prestando serviços em São Paulo, comprou um terreno no município de Dona Emma (SC), na estrada geral, rumo à Nova Esperança, onde foi enterrado; esta propriedade continua com sua família até os dias atuais. Durante o período que residiu em Dona Emma (SC), produziu várias obras entre elas: *Ein Tag im unsichtbaren Haus* (1970), *The Valley of the Latin Bear* (1965), *Die Kuh auf dem Bast* (1963). Também realizou a primeira tradução do “*Ursinho Pooh*” para o latim (*Milne: Winnie ille Pu - a latin Micimackó*, 1958) sendo esta última obra usada como referência nos estudos de Latim, até hoje.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> O município de Dona Emma está situado no Vale do Itajaí do Norte, pertence à microrregião do Alto Vale do Itajaí. Possui uma extensão territorial de 181, 018km<sup>2</sup>, e 3.441 habitantes, de acordo com a contagem do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizada no ano de 2007. Pertence à Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí - AMAVI. A distância entre a cidade de Dona Emma e a capital Florianópolis é de 237 km via BR 282 e 257 km via BR 101. Limita-se ao Norte com Witmarsum e José Boiteux; ao Sul com Presidente Getúlio e Rio do Oeste; a Leste com Presidente Getúlio e a Oeste com Taió e Witmarsum (PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA EMMA, 2009).

<sup>3</sup> A narrativa biográfica de Lenard pode ser lida em Dirksen (1966) e em *Lenard Seminar Group* (2009).

Para compor uma biografia de Lenard foi necessário utilizar as diversas biografias já produzidas, uma vez que essas possibilitam analisar o sujeito, enquanto uma construção. Para os elementos da análise (auto) biográfica, entendido como um movimento complexo de reflexão sobre o presente, foram utilizadas suas autobiografias publicadas nos livros e jornais.

Barros (2004) salienta que, nas atuais análises biográficas, os mais diversos sujeitos merecem ser biografados; não apenas os heróis e as grandes individualidades políticas, mas também os indivíduos anônimos, a quem a Micro-História pretende tratar como pequenos fragmentos privilegiados, para através deles perceber realidades mais amplas. Por isto, neste trabalho, não se buscará fazer a história de um herói, de uma figura pública, mas sim da complexidade da vida de um homem que se auto-exila, e vive dois mundos opostos: um no exterior, tendo uma cadeira em uma Universidade nos Estados Unidos; e outro no interior do Brasil, mais precisamente em Dona Emma (SC).

Também será abordado o olhar etnocêntrico de Lenard, o qual reivindica para si conceitos de modernidade, através da comparação do Brasil, que era predominantemente rural nesse período, com outros centros urbanos que ele conhecia. Para tanto, a análise dos livros e artigos publicados por Lenard, no Brasil e no exterior, foram fundamentais.

Barros (2004) afirma que, as fontes utilizadas para o trabalho micro-historiográfico da biografia são, em sua maioria, os processos criminais, os inquéritos, os registros da inquisição, os diários íntimos, as correspondências pessoais, e os livros de notas. Destarte, a biografia deve ser coberta por muitos lados, dando a perceber aspectos da vida pública e da vida privada, trazendo a tona os gestos teatralizados e espontâneos do biografado. A própria biografia, já produzida a respeito de um determinado indivíduo, pode ser usada como uma fonte, através da análise da construção do indivíduo imaginário que chega até o historiador através do arquivo.

O trabalho mais completo de biografia, segundo Borges (2004), é aquele que procura adentrar na alma do biografado, utilizando de documentos da escrita de si ou de produção de si, que podem revelar a intimidade. Estes documentos podem ser: a memória ou a tradição oral familiar; as memórias, as autobiografias, as ego-história, a correspondência (ativa e passiva), os diários; as entrevistas na mídia (orais, escritas, ou

em filmes e vídeos); os chamados objetos da cultura material, como fotos, objetos pessoais, a biblioteca etc., que alguns chamam de “teatro da memória”.

A meta a ser alcançada é a de conseguir mostrar a multiplicidade de Lenard, sua capacidade de construção de distintas narrativas de si, e a impossibilidade de esgotá-las. Para tanto utilizarei da análise autobiográfica, das biografias já produzidas sobre ele, de imagens fotográficas e fontes iconográficas, de entrevistas com pessoas que conviveram com ele em Dona Emma. Segundo Salomon (2002), os testemunhos – como diários íntimos, autobiografias, cartas – mesmo que insubstituíveis, não constituem documentos verdadeiros, pois tais documentos também se encontram no jogo de esconder e mostrar. Diante disto, resta ao historiador discutir e compreender estes processos de construção do passado, que estão sempre nestes limites de visibilidade e invisibilidade.

Ao lançar mão dessas estratégias de pesquisa, o historiador visa dessacralizar seu objeto de análise, quer dizer, desnaturalizá-lo. Assim como o fotógrafo, o historiador também seleciona, corta e reúne documento. Esta operação, no entanto é guiada por teorias e conceitos sem os quais seria impossível compreender os sentidos que os atores sociais à suas práticas e às suas representações. (BORGES, 2004, p. 86).

Pineau (2006) afirma que, a análise autobiográfica é a busca por entender o fato de que todos são levados a fazer uma reflexão acerca da vida, em vários momentos e em todas as idades, e que tal reflexão só pode ser feita pessoalmente; e que, ao escrever sobre a vida cria-se a possibilidade de correlacioná-la, inventá-la, pensar como ela foi e como ela poderia ter sido, ou ainda encontrar nela justificativas e conforto para o seu presente. Por isso, a (auto) biografia produz ao mesmo tempo um texto literário e político. Portanto, “[...] quaisquer que sejam a ambivalência e a complexidade das questões, e, sobretudo, em razão de sua amplitude, o movimento biográfico é mantido pelo questionamento mais ou menos explícito de cada um e de todos. É caldo de cultura multiforme complexo, disperso.” (PINEAU, 2006, p. 42). Desta forma, este trabalho traz a biografia de Alexander Lenard, procurando mostrar a construção de suas várias personalidades, de suas várias vidas, buscando debater o período das duas guerras mundiais, visando mostrar os seus reflexos na vida do biografado.

## 2. BAGAS SILVESTRES AO INVÉS DE SAMAMBAIAS SELVAGENS

*É mais fácil abrir os portais de  
uma cidade do que as suas portas  
(LENARD, 1963, p. 43).*

Além da construção de uma narrativa biográfica, este trabalho propõe problematizar o processo de construção e desconstrução de biografias, por isto, este referenda as (auto) biografias. O uso de biografias, como narrativas do passado, mistura-se com o próprio surgimento da história enquanto ciência, no mundo moderno. No seu princípio, a ênfase da biografia estava na elaboração de histórias pessoais dos heróis nacionais, dos reis e dos militares, onde o indivíduo era visto como um elemento coerente e único, e para tanto, definidor das circunstâncias históricas. Na década de 1930, a produção biográfica sofreu severas críticas por parte da *Escola dos Annales* e dos novos marxistas, na medida em que a historiografia valorizou as estruturas e a escala de longa duração, onde os indivíduos teriam pouca significância. Por isso, a biografia foi ignorada por cerca de quatro décadas, quando então, os historiadores profissionais retomam o gênero (BARROS, 2004).

A nova perspectiva biográfica, segundo Barros (2004), afirma que os mais diversos sujeitos merecem ser biografados – e não apenas os heróis e as grandes individualidades políticas –, mas também os indivíduos anônimos, os quais a Micro-História pretende compreender como pequenos fragmentos privilegiados, para através deles perceber realidades mais amplas. Neste ínterim, a biografia torna-se para o historiador uma abordagem, e não um domínio ou mero gênero. Torna-se um método escolhido por ele, para compreender uma determinada configuração social.

O método adotado para debater a memória e os ressentimentos do auto-exílio, assim como a produção discursiva que cria regiões, foi o de biografar Alexander Lenard. A proposta é não colocar o discurso de Lenard enquanto “a verdade”, mas sim desnaturalizá-lo, na medida em que está inserido em uma complexa rede de elementos discursivos, que vão produzir e demarcar territórios.

Para iniciar a biografia de Lenard faz-se necessário lembrar que a vida é o que podemos chamar de pano de fundo do movimento biográfico, e quanto maior for o seu questionamento, maior será o entendimento da produção biográfica. “Com efeito, hoje a vida e suas diferentes formas são cindidas pelo esfacelamento, quase generalizado, das

fronteiras entre a vida pessoal e a vida profissional, vida privada e vida pública, vida social e vida familiar e mesmo vida e morte, vida passada e vida futura.” (PINEAU, 2006, p. 42)

Portanto, a proposta é problematizar todas as vidas de Lenard, e, para tanto, foram esmiuçados os caminhos discursivos que fizeram de Lenard médico, filósofo, poeta, desenhista, romancista, conhecedor de mais de doze línguas, e um profundo estudioso da obra de Johann Sebastian Bach. Foi possível perceber que, os investimentos discursivos existiram e existem tanto por parte do próprio Lenard, como das biografias produzidas sobre ele. Também as fotografias e a produção artística permitem falar sobre a construção deste sujeito.

Alexander Lenard nasceu na Hungria, em 09 de março de 1910; faleceu em Dona Emma, no dia 13 de abril de 1972, vítima de infarto. Deixou mais de 16 obras escritas em húngaro e alemão, algumas delas ele mesmo traduziu para outros idiomas. Várias destas obras foram produzidas durante o período que esteve em Dona Emma (SC), entre elas: *Ein Tag im unsichtbaren Hau* (1970), *The Valley of the Latin Bea* (1965), *Die Kuh auf dem Bast* (1963); realizou a primeira tradução do “*Ursinho Pooh*” para o latim – *Milne: Winnie ille Pu - a latin Micimackó* (1958) (RULDNIK, 2000).

Lenard foi conhecido como médico. No entanto, as publicações biográficas e a sua autobiografia, contam que, no tempo que ficou em Roma se tornou um historiador da medicina. Pode-se pensar que, no período das guerras ele não exerceu sua profissão.

Quando chega ao Brasil, vai atuar como enfermeiro, no Paraná, trabalhando nas Minas de Chumbo. Porém, foi demitido, porque dava licença a todos os que se diziam cansados (DIRKSEN, 1996). Na sua autobiografia escreveu sobre este momento: “Os epitáfios dos mineiros iriam ilustrar este capítulo do meu livro, se eles tivessem direito a isto.” (LENARD, 1963, p. 5).

O relato deste episódio deixa claro o quanto a (auto) biografia leva a refletir sobre si, como também sobre o outro (PINEAU, 2006). Neste episódio triste de sua vida, Lenard apresenta um senso de justiça perante estes mineiros, ao mesmo tempo em que constrói a imagem de alguém justo e, a demissão que poderia ser vista como algo negativo, é vista com muito orgulho.

As fotografias de Lenard também permitiram analisar a construção do sujeito. A imagem fotográfica, em uma leitura de Borges (2005), foi por algum tempo percebida

como um espelho do real por historiadores da historiografia metódica. Com as novas concepções no campo da história, a fotografia passou a ser compreendida nem como verdadeira e nem como falsa, mas sim, como uma forma de organizar o pensamento, de ordenação de espaços sociais e de medição dos tempos culturais. Sendo assim, a imagem fotográfica torna-se uma representação do mundo, que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz.

Corbin (1990) afirma que, o retrato também possui uma função social – a do esforço da personalidade para afirmar-se e tomar consciência de si mesma. O ato de adquirir e fixar a sua própria imagem manifesta a vontade de demonstrar sua existência, registrar a lembrança. O retrato atesta o sucesso, manifesta a posição; reproduz a imagem de si convertida ao mesmo tempo em mercadoria e em instrumento do poder. A fotografia permite a democratização do retrato, no qual se tem a ascensão da representação, e a posse da própria imagem instiga o sentimento de auto-estima, que democratiza o desejo de atestado social.

Lenard vai procurar demarcar a diferença existente entre ele e a região que resenha em seu livro, pela sua profissão, pois é médico. Na figura 01, que é parte dessa construção, aparece como um cientista, como um dominador das técnicas, e isso o coloca como um intelectual no país dos miscigenados. Nesta foto percebe-se Lenard como um cientista; ele aparece em movimento, o que representa a relação do sujeito que fotografa e de quem é fotografado, ambos querendo demonstrar um momento de estudos, da ciência.



**Figura 1: Alexander Lenard: o cientista (1951 a 1972).**  
**Fonte: (LENARD SEMINAR GROUP, 2009).**

Em sua autobiografia Lenard afirmou ter dúvidas de que alguma pessoa de Dona Emma se lembraria, dez anos após a sua morte, de cinco atos seus em benefício da região; achava que as pessoas não o reconheciam como alguém importante, Acreditava estar levando ciência para a região, e que tinha em suas mãos a responsabilidade de levar a saúde àquele lugar. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se constrangido, porque sabia que o fato de ser um médico causava, muitas vezes, um relacionamento mais frio, por parte das pessoas que com ele conviviam: “Eu cuidei e tratei de pessoas aqui, escutei o que diziam, e anotei algumas coisas. Mas as palavras na minha boca significam outras coisas, e a placa de 'Farmácia' sobre minha porta, acabam inibindo relações mais próximas. Perto, na verdade, eu só cheguei de Horácio.” (LENARD, 1963, p 54).

Ele sentia um não reconhecimento de suas obras pela população de Dona Emma, como também das pessoas com as quais ele convivia no município; percebia que não davam importância para o artístico, como pode ser observado neste texto: “Com esforço, e apesar de haver poucas pistas, resolvi levantar todas as informações do pintor Heinz, sua vida e suas opiniões. Vou aqui reproduzir o que descobri que acredito ser o máximo, pois dificilmente estes artistas são reconhecidos.” (LENARD, 1963, p. 44)



Lenard vivia momentos distintos – em determinado momento era reconhecido como professor de universidades nos EUA e, de repente, era alguém desconhecido em Dona Emma. Controvérsias não só de um homem, mas da própria complexidade que é a vida. Sua fotografia, que pode ser observada na figura 02, permite perceber a construção desse sujeito duplo, por vezes em seu refúgio, e outras vezes como um homem moderno.



**Figura 2: Alexander Lenard: o homem moderno (1951 a 1972).**  
**Fonte: (LENARD SEMINAR GROUP, 2009).**

Segundo Borges (2005), os retratos quase sempre a meio corpo, atraem o olhar do expectador para os detalhes da roupa, das mãos e da expressão do olhar. Lenard aparece nesta foto (Figura 02), olhando nos olhos da outra pessoa, transmitindo a mensagem de alguém confiante; uma mão no bolso, a outra sob o peito (será que Lenard falava sobre ele mesmo?), o terno com a gravata dão um ar de um homem moderno, sofisticado. Sua postura demarca a diferença, ele é a autoridade que fala, enquanto a outra pessoa observa atentamente as suas palavras, como quem aceita ou aprende algo. As roupas colocam Lenard na posição de alguém superior em elegância, em contrapondo com o humilde, o previsível. A forma como a fotografia foi tirada,

mantendo o foco no rosto do fotografado, incitam a pensar, mais uma vez, na construção desse sujeito.

Retornando ao tema, Pesavento (2004) ressalta que, o historiador deve prestar atenção no que as imagens apresentam em um primeiro, como também em um segundo plano – o fundo da tela, os detalhes, os acessórios, a paisagem, o entorno – enfim, os elementos secundários que levam a imagem a falar e revelar significados, identificando mensagens e motivações. Portanto, foi observado o fundo da fotografia, a organização do espaço, a sofisticação da construção, a sala ao fundo, o brilho do piso, o luxo, enfim, elementos secundários que nesta fotografia falam, gritam o moderno.

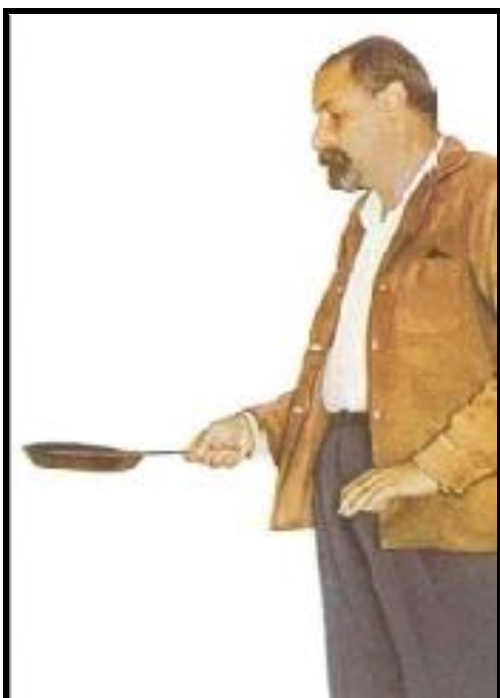
Até o momento foram escritas considerações sobre Lenard médico, cientista, e homem moderno. Porém, dentre os seus talentos, o de cozinheiro talvez fosse o menos reconhecido. Sua habilidade pode ser observada em uma fotografia (Figura 03) tirada em Dona Emma. O talento à frente do fogão não se restringe só a fotografias (Figura 04), mas também a publicação de um livro de culinária, posterior à sua morte, em 1986, *A római konyha* (A cozinha romana), que é uma versão húngara do livro original *The Fine Art of Roman Cooking*, publicado em 1966.

Entretanto há que se pensar, sobre as reflexões que Lenard fez sobre a comida quando resenhou a região, ressaltando a sua fartura: “[...] e que ele tenha diante de si uma comunidade, que cante a partir de um hinário alemão, mas que ainda não tenha passado um dia de fome?” (LENARD, 1963, p. 2). Em contraponto, fala da miséria que passou, principalmente no período da Segunda Guerra, quando morou em Roma: “Eu aprendi ao lado de Michelangelo e Pirandello a conhecer a miséria.” (LENARD, 1963, p. 4). No entanto, quando publica seu primeiro, e único livro de culinária, o intitula “A Cozinha Romana”. Controvérsias das quais a vida é composta!



**Figura 3: Alexander Lenard: o cozinheiro (1951 a 1972).**

**Fonte: (LENARD SEMINAR GROUP, 2009).**



**Figura 4: Desenho de Lenard.**

**Fonte: (LENARD, 1986).**

Aa análise desta fotografia (Figura 03), aonde Lenard aparece em sua casa, em Dona Emma, cozinhando vestido de branco, começamos pela roupa, o que leva a pensar que esta pode ser uma referência a roupa de médico, que era considerada a sua principal profissão, o que daria maior legitimidade em sua representação como cozinheiro. No entanto, como em todo o seu livro, busca descrever os momentos de fome pelos quais passou, talvez essa foto também queira mostrar a fartura do seu exílio.

Outro talento de Lenard foi o piano. Também tinha amor pela obra de Bach, e por isso participou, em 1956, do programa promovido pela TV Tupi, cujo título era “O Céu é o Limite”, respondendo a questões sobre Johann Sebastian Bach. Ganhou o prêmio máximo, e com ele construiu nova casa em Dona Emma (DIRKSEN, 1996). Suas fotos ao piano (Figura 05 e 06) mostram o Lenard o pianista de *Charleston*, e o Lenard o pianista de Dona Irma. Observando as fotografias, pode-se fazer uma análise da sua vida em Dona Emma e da sua vida nos EUA, e percebe-se que elas procuram demarcar a diferença entre o moderno e o atrasado, o urbano e o rural.



**Figura 5: Alexander Lenard: o pianista na Universidade de *Charleston* (1951 a 1972).  
Fonte: (LENARD SEMINAR GROUP, 2009).**



**Figura 6: Alexander Lenard: o pianista em Dona Emma (1951 a 1972).**  
**Fonte: (LENARD SEMINAR GROUP, 2009).**

Segundo Borges (2005), os viajantes fotógrafos do século XIX, em suas viagens, eram sempre acompanhadas de algum escritor, e por isso, traziam registros fotográficos e literários. De forma semelhante, as fotos de Lenard são acompanhadas de sua obra literária, e ambas se complementam. Portanto, não só a imagem fotográfica (Figura 06) coloca-o na posição de alguém que leva a cultura a um determinado lugar, como também seu discurso literário:

O que a história da humanidade nos reserva no futuro, não sabemos, apenas ouvimos falar que “não atingirá apenas as terras do Cristianismo, mas sim também aqueles que não crêem” – e enquanto isso, eu estou acostumando os ouvidos jovens de Donna Irma a uma arte de música, que é totalmente diferente do que aquela sai dos rádios. (LENARD, 1963, p. 25).

### **3 O AUTO-EXÍLIO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA: A AUTO-BIOGRAFIA DE ALEXANDER LENARD**

A construção do sujeito Lenard pode ser vista na sua autobiografia, assim como a sua busca por reconhecimento. Por mais que afirme, a todo o momento, a sua busca por paz, ele, ao mesmo tempo procura pôr seu discurso em circulação, principalmente fora do Brasil. O que o faz ao publicar dois artigos no jornal *Stuttgarter Zeitung: Artz AM Rande der Welt* (Médico a margem da floresta), que é parte do livro *Die kuf auf dem bast* (1963); e o outro “Como cheguei a ser Bormann e Mengele: um relatório da

floresta virgem”. Afinal, o que levaria alguém a publicar seu próprio livro em jornal, se não a possibilidade de colocá-lo em circulação?

O artigo “Como cheguei a ser Bormann e Mengele: um relatório da floresta virgem” foi uma carta de Lenard enviado ao editor do jornal, explicando o caso ocorrido em Dona Emma, no qual foi confundido com os nazistas Bormann e Mengele. A confusão se deu no ano de 1968, por parte do jovem Ericch Erdstein, vindo do Uruguai, que trabalhava para a polícia em Curitiba, e passava férias em Dona Emma. Ao saber de Alexander Lenard, o denunciou como Martin Bormann. Por isto, certo dia a casa de Lenard apareceu cercada de homens com metralhadoras, que a invadiram e a vasculharam, enquanto seu proprietário se encontrava nos EUA. Lá encontraram a obra de Goethe, um quadro de Bach (confundido com Hitler), e descobriram que ele era médico, então o denunciaram como Josef Mengele (LENARD, 1968).

Lenard descreve todo esse processo no artigo, e fica evidente sua indignação por uma figura reconhecida como ele, ter sido confundida com nazistas. Comenta sobre a indignação das pessoas que o conheciam, principalmente os da colônia de húngaros que viviam no Brasil. Ao mesmo tempo, diz que algumas pessoas em Dona Emma, mediante dinheiro, afirmaram tê-lo visto fugindo em um carro. Longe de ser um documento imparcial, a carta que envia ao jornal é uma maneira de mostrar sua existência, em um espaço em que as pessoas o reconheciam como alguém importante (LENARD, 1968).

Talvez o auto-exílio ajude a compreender esse sujeito, que por um lado tenta ser um sujeito reconhecido, com circulação em espaços reconhecidos como sendo importantes, e de outro, alguém que procura se afastar da dor e do sofrimento, que existem quando se tem uma vida decidida por movimentos bruscos, como foram as duas guerras mundiais. Ainda, em seu auto-exílio exerce uma profissão que está totalmente ligada à dor das pessoas, o que também faz com que tenha sido sempre visto pelo seu lado profissional, o que o afastava das pessoas, segundo sua própria concepção. Por mais que o auto-exílio apareça, em determinados momentos como algo positivo em sua vida, em outros, ele se incomodava com a vida pacata que levava, e que se resumia no seu trabalho com as plantas em sua propriedade, na sua profissão de médico, e nos domingos na igreja. Ele escrevia:

A saudade é aplacada nas bibliotecas e nas músicas tocadas nos órgãos. Eu possuo a “Arte da Fuga” e todos os 48 prelúdios e fugas. Por isso sou um assíduo freqüentador da igreja em Donna Irma. Não existe apenas uma realidade, também existem outras dimensões. Elas estão separadas por espaços entre as estrelas. A realidade da capinação é a primeira, a medicina a segunda e a música a terceira. E é nesta que gosto de vagar aos domingos para sair de todas as outras. Aí desaparecem todas as pragas, ali desaparece toda a dor e gemido. (LENARD, 1963, p. 25)

A paz que Lenard tanto procurava, tornou-se um conflito interno, entre a solidão, a saudade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de ter uma vida que o aproximava dos dias de sua infância, antes da Primeira Guerra Mundial. Ao escrever sobre a vida em Dona Emma, escreve sobre o seu sofrimento ao se relacionar com as pessoas:

É mais fácil abrir os portais de uma cidade do que as suas portas. As portas destas casas não têm fechaduras, mesmo assim raramente alguém entra nelas. Eu agradeço ao costume de se chamar o médico quando as pessoas estão morrendo (senão o que diriam os vizinhos?), de modo que atravessasse várias portas. Doentes que conseguem andar vêm para a farmácia, crianças são carregadas, o pretexto para entrar numa casa é raro. (LENARD, 1963, p. 42).

Por ter passado pela Primeira e pela Segunda Guerra Mundial, em muitos momentos, Lenard relaciona suas memórias de guerra com seu presente. De fato, as guerras fizeram parte da vida deste homem, e o feriram e machucaram como aos demais homens que passaram por elas.

Nascido na Hungria teve que se mudar ainda criança para a Áustria, como fugitivo, na Primeira Guerra Mundial. Em suas memórias Lenard descreveu o momento em que a Primeira Guerra iniciou: “Lembro do dia em Budapeste, quando a primeira eclodiu: eram balançadas bandeiras, todos jubilavam, no final da rua havia uma torre de pães para os soldados... e acredito era realmente o último dia de plena felicidade da humanidade. Ali começou o pavor” (LENARD, 1963, p. 3).

Quando escreve as suas memórias, tenta descrever o passado de forma que reflita todo o sofrimento que viveu, tentando mencionar a sua falta de paz, pois que, escrever sobre o passado é também refletir sobre si em um momento atual. Ao escrever sobre a paz que não teve, faz relação com a paz que tem seu presente, por ter se auto-exilado em um pequeno vale do município de Dona Emma. Demonstra no seu discurso que não faz oposição entre paz/guerra, que são concebidos naturalmente como opostos, mas que no seu discurso aparecem intimamente relacionadas. Acaba se comparando

com a guerra, a ponto de relacionar os períodos e momentos da guerra, com o que estava vivendo naquele momento:

A época do pós-guerra foi em direção à próxima guerra, da mesma forma como a saciedade do almoço se transforma na fome do jantar. No seu intervalo havia meia hora para o chá da tarde. Para a Europa isto significou: os anos de 1928 a 32. para mim: os primeiros anos da Universidade. [...] Na realidade a Guerra me jogou para fora do meu mundo, e me deixou sem conhecidos, sem dinheiro numa terra onde não conhecia a sua língua. Eu aprendi ao lado de Michelangelo e Pirandello a conhecer a miséria. Mas eu sabia de uma coisa: os ditadores mantêm suas vítimas em correntes de papel. Não me inscrevia em nenhuma lista de espera por moradia, andava com um passaporte vencido ao consulado e comia pouco pão. Para não passar por apuros, assim, me tornei um historiador da medicina e consegui ficar protegido pelos muros da biblioteca me atendo a estudos renais renascentistas e tratamentos hormonais da antiguidade. (LENARD, 1963, p. 4).

As convivências com as guerras e o medo de uma possível Terceira Guerra Mundial fizeram com que Lenard viesse buscar, no Brasil, a paz com a qual tanto sonhava. Veio para cá através da Organização de Refugiados, a qual, segundo suas memórias, enchiam com eles os velhos navios europeus e os despejavam em qualquer lugar do mundo. Aqui, no Brasil, afirmou ter encontrado a Terceira Guerra Mundial, quem sabe pelo fato de ter continuado a conviver com a solidão, a saudade, e a morte.

As guerras não só modificaram a vida de Lenard, elas o mudaram completamente, levando-o a viver em luta constante por um refúgio seguro; obrigando-o a morar em vários países, a se trancar dentro de uma biblioteca em Roma, e, no pós-guerras, se auto-exilar em um pequeno vale localizado no interior de Santa Catarina. Em suas memórias não conseguiu desvincular a sua vida das guerras, pois parece que as duas (vida e guerras) caminharam no mesmo ritmo.

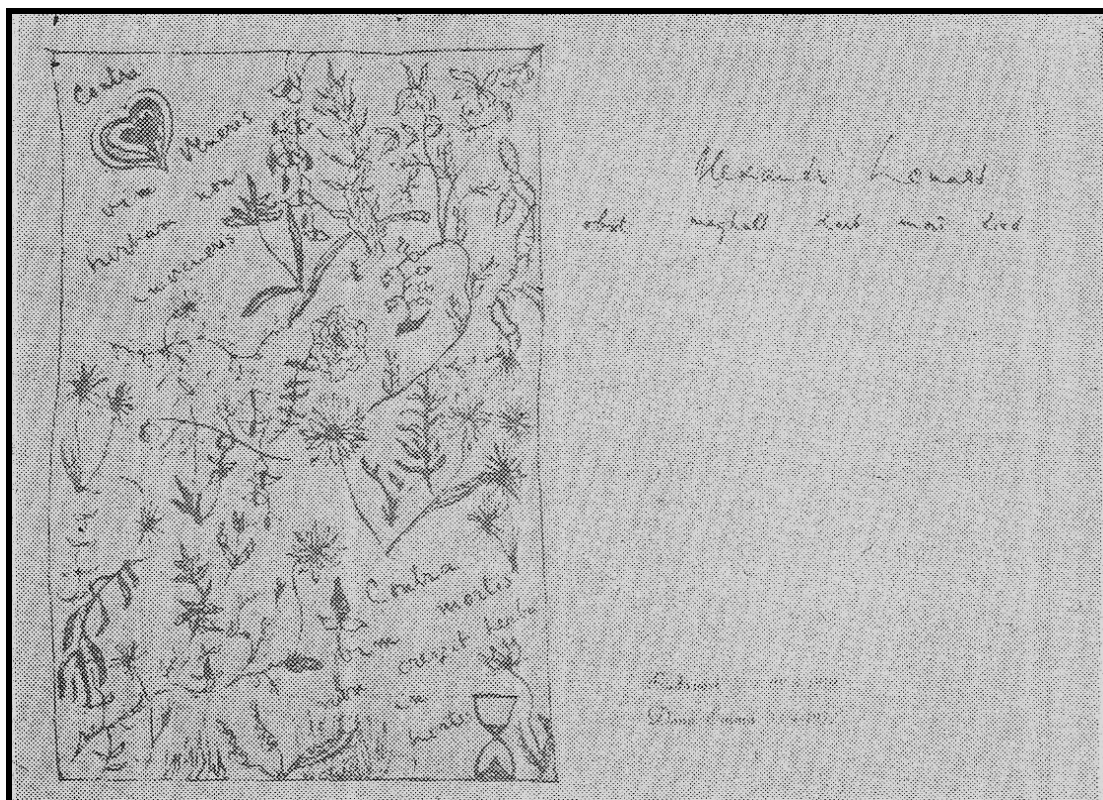
A transição da Primeira Guerra para a Segunda Guerra Mundial foi percebida de uma forma muito autêntica, e ao mesmo tempo assustadora por Lenard. Ao escrever suas memórias menciona que, chegou a falar para seus amigos de que as coisas estavam se encaminhando para uma segunda guerra. No entanto, estes lhe diziam que estava louco, pois uma segunda guerra poderia destruir o mundo. Entretanto, acreditando em si mesmo, fugiu para Roma. Neste período não se inscreveu em nenhuma lista de ajudas do governo, por saber “[...] que os ditadores prendiam seus prisioneiros em correntes de papéis.” (LENARD, 1963, p. 4).



A sensação de sobreviver a duas guerras mundiais, na vida de Lenard, é muito clara, assim como o medo de que ocorreria uma terceira. E foi esse medo que o transportou ao Brasil, em um ato de auto-exílio. A preocupação com a morte passa a ser um enunciado constante em seu livro. A “morte”, para ele, representa muito mais do que uma palavra pronunciada, representa um elo entre o seu passado e o seu futuro. A Guerra proporcionou um contato constante com a morte, explicitado no momento em que volta ao seu passado, e também quando escreve sobre a sua situação atual. Em suas memórias se autodenomina como anjo da morte, pois, segundo ele, somente era convidado para ir às casas das pessoas, quando alguém morria. Ele escreve:

Eles ainda sabem a língua dos pais: e Dorothea, a pequena brasileira, anuncia minha chegada. “O velho doutor já chegou”. Talvez esta seja imagem que todos têm de mim, não é a correta: é que compartilho com eles os momentos de extrema ansiedade. As casas são construídas para que pessoas possam morar nelas, e sejam alegres nelas, e eu chego quando alguém está sofrendo. Por isso para mim, as imagens idílicas sempre serão mais tristes, quanto mais fundo eu as vejo. (LENARD, 1963, p. 19).

A figura 07 abaixo é mais uma evidência da preocupação de Lenard com a morte. O lado esquerdo superior do quadro contém galhos com flores tropicais, e em cima, separado por um coração, o dizer: “*Contra vim veneris hebam von inveneris*” (Contra o poder do amor não existe capim). E à direita, no canto inferior, uma ampulheta, e sobre ela o dizer: “*Contra vim mortis non crescit herba in hortis*” (Contra o poder da morte não cresce capim na horta). Ao lado do desenho está sua assinatura, e em baixo, o verbo morrer no passado, nos idiomas Latim, Húngaro, Alemão, Italiano e Inglês.



**Figura 7: Quadro sobre a morte.**  
**Fonte: (HUNSHE; SIGRID, 1973).**

Lenard faz questão de cuidar de sua morte pessoalmente, planejando-a em seus mínimos detalhes. De acordo com o *Lenard Seminar Group* (2009), antes de morrer ele mandou fazer seu próprio terno para o enterro. A preocupação com a morte também aparece no pedido judicial, no qual solicitava ser enterrado em sua propriedade em Dona Emma.

Em 10 de abril de 1972 foi nomeado o Emérito Julgador que permitiu que Lenard fosse enterrado no local solicitado. Os argumentos do jornal circulam em torno dos cemitérios, constatando por fim, que em Dona Emma, no cemitério católico, não foi permitido enterrar uma mulher que não tinha religião. Ela então foi enterrada em campo aberto, fora das cercanias do cemitério. O juiz concluiu o caso, afirmando que, se em um lugar, tais aberrações se tornam possíveis, não via porque um renomado escritor de fama internacional, não poderia ser enterrado em sua propriedade. Chama a atenção que, a mesma importância encontrada no relato do juiz referente ao cemitério, também é encontrada no discurso de Lenard, que acreditava que estes locais deveriam ser respeitados, sentindo-se incomodado com a falta de cuidado com os mesmos:

No cemitério protestante de Roma (onde descansa um filho de Goethe e um neto de Bach) as amoras silvestres crescem pelos túmulos. E se eu fosse chamado à eternidade e estivesse no cemitério de Dona Irma, também iria preferir que fossem estas bagas silvestres ao invés de samambaias selvagens. (LENARD, 1963, p. 56)

De acordo com Corbin (1990) é dentro do cemitério que se manifesta a vontade de perpetuar-se, de imprimir a sua marca. Lenard demonstrava uma preocupação com a imortalidade, e via o cemitério como um local reservado para que as pessoas não fossem esquecidas: “Eu gosto do cemitério, porque ele é livre de falsidade e mentiras. Se mesmo com o que estou escrevendo, eu não atinja um pouco de imortalidade, ninguém irá me negar um epitáfio no meu túmulo.” (LENARD, 1963, p. 24).

A justiça concedeu-lhe o pedido de ser enterrado em sua propriedade, e ele, planejando um enterro digno, solicitou que neste dia fosse tocada uma música de Johann Sebastian Bach em lá bemol (DIRKSEN, 1996). As cicatrizes deixadas pelas guerras, na vida desse homem, aparecem diretamente na sua busca por paz, e na relação que estabelece com a morte: de uma preocupação constante, de uma formulação diária, de um planejamento impecável. A morte também aparece na sua obra, como uma forma de demarcar a diferença entre ele e a região sobre a qual ele discursa:

Como tudo tem um fim, assim também chegou o fim dela. Certo dia ela devolveu sua alma ao Senhor e estava deitada sobre a cama que tinha seis troncos de árvores para segurá-la. Agora ela não tinha mais fome. Sim – mas não havia um caixão tão grande, e mesmo que fosse feito ele não sairia da porta. E se a gente tirasse uma parede a casa toda poderia cair. Ficaram todos a pensar em como resolver o problema. Para encurtar a história, serraram a velha pelo meio e a colocaram em dois caixões que receberam muitas flores. E duas carroças foram levando os caixões, cada um com meia Oma, apenas o padre fez somente uma única prédica. “Essa também só pode ser uma história de Nova - Jericó...”. (LENARD, 1963, p. 60).

A propriedade de Lenard, em Dona Emma, foi muito importante para ele, tanto que fez o pedido para ser enterrado nela. O terreno foi comprado com o dinheiro que conseguiu em São Paulo, com a prestação de alguns serviços. Lenard descreveu estas terras da seguinte forma:

O terreno da casa até a Serra é meu. Um reino de quatro hectares, que desta vez, a exemplo de outros reinos, possui aipim e batata-doce, este ano de uma boa colheita de milho, e aonde existe espaço na mata pretendo ainda plantar arbustos e flores raras. Como única planta rara, tenho um bonito e amarelo narciso da Áustria. “Esta orquídea eu nunca vi” me disse uma amiga que gosta de flores. Durante muito tempo pedi a todos os amigos distantes, sementes de plantas raras, até descobrir, que ninguém havia tentado ter um

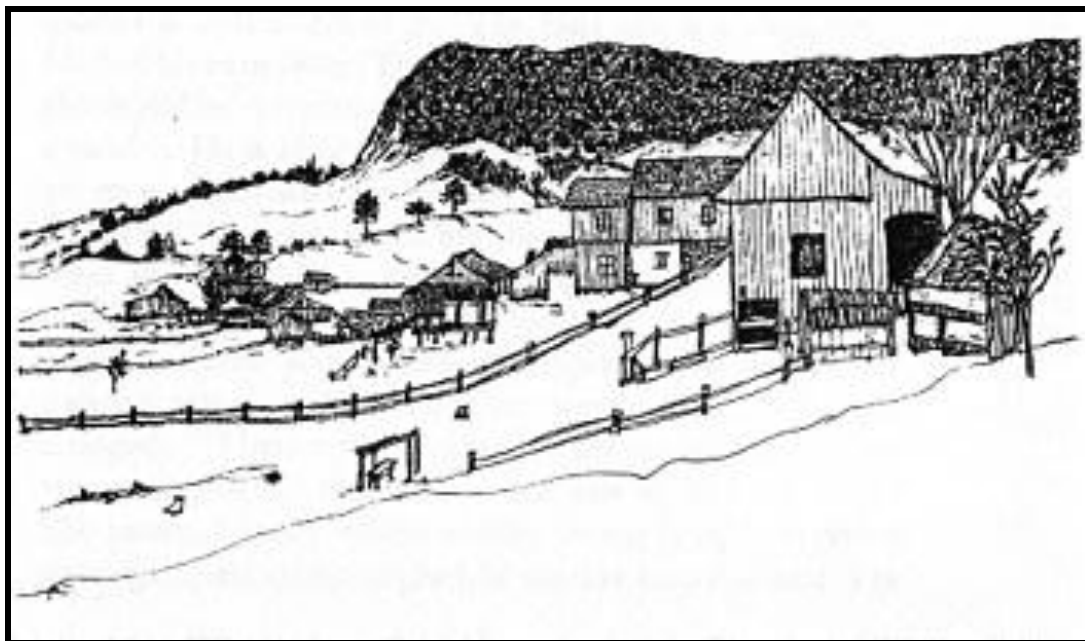
jardim, pois as flores rapidamente florescem e morrem no meio da pastagem. Ninguém é tão ligado nestas coisas como eu, tentando tirar o possível de ervas daninhas e capim. (LENARD, 1963, p. 56).

Ele apropria-se desse lugar e estabelece uma relação muito forte com sua terra, o que o faz se sentir parte dela, e menciona o lugar como sua terra natal, talvez numa referência aos dias de paz que teve em sua infância. A figura 08 transmite este sentimento, onde Lenard aparece como o dono da casa, o proprietário.



**Figura 8: Alexander Lenard: o proprietário (1951 a 1972).**  
**Fonte: (LENARD SEMINAR GROUP, 2009).**

Observa-se na figura 08 a idéia de propriedade privada representada não só pela presença da casa, mas também pela posição do dono, e pelas as cercas. Entretanto, apresenta uma abertura, pois Lenard encontra-se saindo de sua propriedade e os portões estão abertos. Porém, quando ele desenha a propriedade das pessoas de Dona Emma (Figura 09), estas sempre aparecem cercadas e sem pessoas presentes, e ele aparece apenas como um espectador, nunca como personagem.



**Figura 9: Desenho de Dona Emma.**

**Fonte: (LENARD, 1963).**

A casa de Lenard aparece relacionada com o sentimento de fuga, e demonstra a complexidade de sua vida, de seus sentimentos:

Tenho que respirar fundo quando falo da minha casa, e tenho que me certificar que também utilizarei apenas a verdade. A casa não foi sonhada, ela está a uns duzentos passos da estrada, pastagem na frente, árvores de laranja ao redor e até onde começa a subida da Serra o terreno é meu: quatro hectares, que já tiveram aipim de boa qualidade e agora, estão com uma dúzia de oliveiras, uma nogueira, uma pequena videira, uma horta que está à espera de castanhas, laranjas e maçãs – quatro hectares para cultivar e servir. Minha casa – digo orgulhoso – é mais versátil do que as outras. Às vezes é uma casa de lanche, e leite, manteiga e mel estão a disposição na mesa. Algumas vezes é uma casa triste e outras é a minha pátria. Nela também existe uma flecha de botocudo. Eu amo esta casa. (LENARD, 1963, p.52).

Sua casa também fará parte da sua preocupação com a morte, através de seu projeto: “Eu projetei o acesso para que meu caixão possa ser tirado da casa sem problemas. Espero que isto só aconteça com a casa pronta.” (LENARD, 1963, p.52) E, claro, mais uma vez as guerras reaparecem em sua memória, o fazendo valorizar coisas relativamente simples, mas que para ele aparecem como fundamentais:

Agora, quando me vejo domingos à tarde, deitado na casa inacabada, fico orgulhoso como um cavaleiro. Tábuas próprias! Somos todos vulneráveis e sabemos que podemos perder nosso chão e outras coisas nas guerras – mas quase nunca nos damos conta, que nesta oportunidade também nos faltará o

teto sobre nossas cabeças. Vinte anos de fugas significam muitas noites sem teto definido. Quem quiser buscar o “tempo perdido” pode tentar recuperar seu passado da melhor maneira que lhe permita. É até questionável se o tempo que passou, deva ser revivido. Para que? Para dourá-lo e enfeitá-lo? Contar fatos de maneira estilizada, para que as pessoas se admirem? (LENARD, 1963, p. 52).

Descrever a propriedade dava significado à sua vida, pois era nela que ele passava a maior parte do tempo, refletindo sobre a sua vida, sobre as dificuldades que passara durante as guerras, e também planejando sua morte. Sua propriedade era seu exílio, e nela se expressavam seus sentimentos de fuga para um país que não conhecia, de um idioma que não dominava, e em um lugar no qual ele não se sentia reconhecido como alguém importante.

#### 4 CONSIDERAÇÃO FINAIS

O grande desafio deste trabalho foi construir uma biografia que fugisse do linear, e contemplasse a complexidade do indivíduo. Para tanto, buscou-se tratar da construção do sujeito Lenard, das várias dimensões de sua vida e de suas percepções. Analisar seu discurso tornou-se crucial, uma vez que Lenard não tratou apenas de construir uma região, mas também demarcar a diferença existente entre ele e o lugar que observava.

Essa diferença estava pautada no discurso entre o que é moderno e o que é atrasado. Lenard se posicionava como um homem “moderno” da *urbe*, e descrevia sempre a região como o rural e, portanto, o “atrasado.” As iconografias fotográficas são parte dessa construção, porque vão mostrá-lo em momentos distintos. De um lado, o Lenard moderno, professor da Universidade de *Charleston*; do outro lado, um homem exilado, um sábio que leva a cultura a região, um médico que tinha em suas mãos a responsabilidade pela saúde da população.

Alexander Lenard se constrói como um homem de várias personalidades e profissões, a partir dos seus livros publicados, do seu trabalho artístico, das suas fotografias. Ele é o escritor, o cientista, o médico, o poeta, o desenhista, o pintor, o pianista, e porque não, o cozinheiro. A construção do sujeito Lenard também pode ser vista na sua autobiografia, que retrata a sua busca por reconhecimento. Por mais que afirme a todo o momento, a sua busca por paz, ele, ao mesmo tempo, busca colocar seu discurso em circulação, principalmente fora do Brasil.

O fato de ter passado por duas guerras mundiais, vão aparecer a todo o momento em seu discurso, sempre em comparação com a sua vida atual. As guerras vão dar significado ao seu auto-exílio, e também refletem a maneira como a morte aparece em sua vida. A morte para Lenard é objeto de preocupação constante, sendo que ele formulou o seu ritual pós-morte, de forma impecável, através da construção de sua casa, da compra do seu terno, e do pedido para ser enterrado em sua propriedade. A morte também aparece em sua relação com as pessoas de Dona Emma, quando se autodenomina como anjo da morte, por ser apenas convidado a ir à casa das pessoas quando estas estavam doentes.

Como proposta para novos estudos sugere-se uma exploração maior das fontes, que envolva a tradução dos seus cartões postais, e também de seu livro *Ein Tag im unsichtbaren Haus*<sup>4</sup> (1970). Este livro descreve as práticas medicinais, tidas por Lenard como “rudimentares”, em oposição a sua própria concepção medicinal. Poderá ser feita também, uma pesquisa em arquivos históricos maiores, como o de Florianópolis (SC), por exemplo. Por ser Lenard uma figura pública, talvez haja uma maior disponibilidade de materiais neste e em outros arquivos. Propõe-se também, um trabalho que busque analisar de forma mais profunda as percepções das pessoas do município de Dona Emma, por haver um grande o número de pessoas que conheceram Lenard, e não foram entrevistadas, pois que, a pesquisa em história oral é uma fonte inesgotável e contribui para uma maior complexidade no trabalho do historiador.

#### REFERÊNCIAS

BARROS, José A. Uma profissão de domínios. In: **O campo da história: especialidades e abordagens**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p. 287-307.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. ARIES, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, v. IV, 1990.

DIRKSEN, Valberto. **Dona Emma: história do município**. Florianópolis: Ed. do autor, 1996.

<sup>4</sup> Referência completa do livro: LENARD, Alexander. **Ein tag im unsichtbaren haus**. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1970.

HUNSHE, Carlos H.; SIGRID, Karin. Zum Gedächtnis von Dr. Alexander Lenard: letzter gruss na einen Freund. **Serra-Post Kalender**, Ijuí, Rio Grande do Sul, 1973. p. 2- 6.

LENARD, Alexander, **A római konyha**, 1986. Disponível em: <<http://mek.oszk.hu/02700/02763/html/>>. Acesso em: 21 out. 2009.

LENARD, Alexander. **Die kuh auf dem bast**: aus den erinnerungen eines arztes. Blumenau: editora, 1963. Tradução: EGERLAND, Marcos.

LENARD SEMINAR GROUP, **Alexander Lenard**. Disponível em: <<http://mek.oszk.hu/kiallitas/lenard/indexeng.html>>. Acesso em: 08 jun. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu C.; ABRAHÃO, Maria H. M. B. (org.) **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA EMMA. **Município**: aspectos gerais. Disponível em: <<http://www.donaemma.sc.gov.br/conteudo/?item=23417&fa=3260>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

RUDNIK, Marli. Em busca da memória Alexander Lenard. **A Notícia**, Blumenau, 09 de fev. de 2000. Caderno de Anexo. p. 1. Disponível em: <[http://www.bc.furb.br/docs/JO///202951\\_1\\_1.pdf](http://www.bc.furb.br/docs/JO///202951_1_1.pdf)>. Acesso em: 08 jun. 2009.

SALOMON, Marlon Jeíson. **As correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.